

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO PÚBLICA DE TURISMO E
DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Zélia Lopes de Sousa

O protagonismo feminino negro no afroturismo: proposta de rota afrocentrada em Belo Horizonte

Juiz de Fora
2026

Zélia Lopes de Sousa

O protagonismo feminino negro no afroturismo: proposta de rota afrocentrada em Belo Horizonte

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Especialização e Gestão Pública de Turismo e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gestão Pública do Turismo e Desenvolvimento Regional.

Orientadora: Mariana Pereira Chaves Pimentel

Juiz de Fora
2026

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Lopes de Souza, Zélia.

O protagonismo feminino negro no afroturismo: : proposta de rota afrocentrada em Belo Horizonte / Zélia Lopes de Souza. -- 2026.
43 p.

Orientador: Mariana Pereira Chaves Pimentel

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Especialização em Gestão Pública de Turismo e Desenvolvimento Regional, 2026.

1. Protagonismo Negro. 2. Mulheres Negras. 3. Afroturismo. 4. Belo Horizonte. I. Pereira Chaves Pimentel, Mariana, orient. II. Título.

O protagonismo feminino negro no afroturismo: proposta de rota afrocentrada
em Belo Horizonte

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Especialização e Gestão Pública de Turismo e
Desenvolvimento Regional da Universidade
Federal de Juiz de Fora como requisito parcial
à obtenção do título de Especialista em Gestão
Pública do Turismo e Desenvolvimento
Regional.

Aprovada em 24 de março de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Mariana Pereira Chaves Pimentel - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Ma. Vitória Camillo da Silva Maurício
Universidade Federal de Juiz de Fora

Ma. Vasconcellos Barral Campos
Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO

Esta pesquisa investigou a intersecção entre o afroturismo e o protagonismo feminino negro em Belo Horizonte, Minas Gerais. O objetivo geral consistiu em analisar e sistematizar os atrativos, narrativas e iniciativas socioculturais que evidenciam esse protagonismo, utilizando o diagnóstico e a inventariação do território para a concepção de uma rota turística. A metodologia, de natureza qualitativa e descritiva, fundamenta-se na aplicação de um inventário seletivo de perspectiva decolonial, adaptado do modelo do Ministério do Turismo. A categorização priorizou memórias e ciclos de ancestralidade em detrimento de critérios meramente institucionais. Para o esboço da rota, utilizou-se a ferramenta *Business Model Canvas*, estruturando uma proposta de valor focada na narrativa afrocentrada e em canais de mediação via suporte digital. A materialização do percurso ocorreu através da plataforma Google My Maps, resultando em um itinerário no hipercentro que conecta as trajetórias de figuras como Maria do Arraial, Adélia Sampaio, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez, Maíra Baldaia e Kelma Zenaide, entre outras. Embora de caráter propositivo e pendente de validação experimental com público, o estudo estabeleceu as bases metodológicas e espaciais para a futura implementação operacional da rota. Conclui-se que a articulação entre o inventário seletivo e a modelagem *Canvas* viabiliza a criação de produtos turísticos de impacto social, promovendo a reparação simbólica e o fortalecimento do patrimônio cultural imaterial negro no espaço urbano.

Palavras-chave: Protagonismo Negro; Mulheres Negras; Afroturismo; Belo Horizonte.

ABSTRACT

This research investigated the intersection between Afro-tourism and Black women's protagonism in Belo Horizonte, Minas Gerais. The general objective was to analyze and systematize the attractions, narratives, and sociocultural initiatives that highlight this protagonism, using territorial diagnosis and inventory as a basis for designing a tourist route. The methodology, qualitative and descriptive in nature, is grounded in the application of a selective inventory from a decolonial perspective, adapted from the model of the Brazilian Ministry of Tourism. The categorization prioritized memories and cycles of ancestry rather than merely institutional criteria. For the design of the route, the Business Model Canvas tool was employed, structuring a value proposition focused on an Afro-centered narrative and on mediation channels supported by digital platforms. The materialization of the route was carried out through the Google My Maps platform, resulting in an itinerary located in the hypercentral area of the city, connecting the trajectories of figures such as Maria do Arraial, Adélia Sampaio, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez, Máira Baldaia, and Kelma Zenaide, among others. Although propositional in nature and still pending experimental validation with the public, the study established the methodological and spatial foundations for the future operational implementation of the route. It is concluded that the articulation between the selective inventory and the Canvas modeling enables the development of tourism products with social impact, promoting symbolic reparation and strengthening Black intangible cultural heritage in the urban space.

Keywords: Black protagonism; Black women; Afro-tourism; Belo Horizonte.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1 O SILENCIAMENTO DAS MULHERES NA SOCIEDADE BRASILEIRA.....	11
2.2. AFROTURISMO E A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS PLURAIS EM ROTEIROS.....	13
3. METODOLOGIA.....	16
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	20
5. CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS.....	29
APÊNDICES	31

INTRODUÇÃO

A história de Belo Horizonte é frequentemente narrada a partir da construção da nova capital de Minas Gerais, inaugurada em 1897 com o propósito de simbolizar a modernidade e o rompimento com o passado colonial. A ideia de construir uma cidade moderna, com várias referências europeias, resulta no apagamento da história negra do Arraial do Curral *Del Rey* e na inviabilização de pessoas negras que provavelmente trabalharam na edificação da cidade.

Segundo a pesquisadora Josimeire Pereira (2015, p.6),

Quando da decisão política de transferir a capital para a localidade do Arraial do Curral Del Rei, era provável que ali ainda se encontrassem trabalhadoras e trabalhadores negros, que até bem pouco tempo haviam vivido sob o regime escravista, como escravizados ou mesmo como libertos e seus descendentes; sobretudo se considerarmos que se tratava de região onde historicamente se registrava forte presença de “pretos” e “mestiços” (Pereira, 2015, p.6).

Ainda sobre essa problemática, pesquisas mais recentes contribuem na investigação do apagamento da população negra, especialmente na região onde era o Largo do Rosário, onde deu lugar a Rua da Bahia com a Rua dos Timbiras. Segundo Costa et al. (2025, p. 34) a maioria da população de Belo Horizonte desconhece a história do Curral Del Rey, por ter desprezado tudo que antecedeu antes da metrópole.

Consequentemente, os variados e complexos passados dos diversos grupos que construíram o Curral, que lá viviam e trabalhavam, são igualmente apagados, suas memórias e feições são cobertas pela implantação e subsequente crescimento da nova metrópole (Costa, et al. 2025, p. 34).

Nesse sentido, como apontado por Silva, “resistir, para as pessoas negras e indígenas deste território, nunca foi uma opção, mas uma necessidade. Era resistir ou morrer” (Silva, 2024, p. 15). Ainda segundo o mesmo pesquisador, as histórias negras do Curral Del Rey foram apagadas intencionalmente, e por isso carecem de reparação para dar espaço a narrativas mais justas.

Na atualidade, o turismo tem se consolidado como um aliado estratégico na construção e na disseminação de novas narrativas capazes de conferir visibilidade às histórias e culturas afro-brasileiras. Um marco fundamental nesse recente processo foi a criação do Programa Rotas Negras, em 2024, que visa incentivar o afroturismo e valorizar a cultura afro-brasileira, afro-diaspórica e a ancestralidade africana em abrangência

nacional e internacional (Brasil, 2024).

Propor novas narrativas para Belo Horizonte implica em evidenciar referências da história da cidade que extrapolam o discurso oficial da cidade planejada e a construção da nova capital do estado. Trata-se de investigar quais sujeitos compõem esse tecido social e a quais narrativas a população negra se sente pertencente. Sob essa ótica, o turismo deve se alinhar ao movimento antirracista, atendendo não apenas à demanda de turistas negros, mas também de um público global cada vez mais consciente e engajado na desconstrução de hegemonias históricas.

Essa demanda por um turismo mais inclusivo e representativo corrobora com o pensamento de Dias (2023, p.20), ao afirmar que as viagens ficaram mais acessíveis, o que permitiu que indivíduos não brancos adotassem o hábito de viajar, ainda que esse fenômeno não contemple a maior parte da população. Nesse panorama, surge o movimento do Afroturismo, como uma proposta de ruptura, que consolida as narrativas afrocentradas, como ponto de partida para a construção das experiências turísticas. Essa perspectiva permite a representação de territórios, empreendedores e culturas negras, trazendo à tona histórias que, embora fundamentais em escala global, foram sistematicamente invisibilizadas.

A aplicação prática do conceito de afroturismo pode ser observada na criação de produtos e experiências turísticas que destacam a presença e a contribuição da população negra nos territórios. Trata-se de um modelo consolidado inicialmente em São Paulo e que, atualmente, apresenta um movimento de expansão por outras capitais. Destacam-se, em Belo Horizonte, as Caminhadas Belos Horizontes Negros, realizadas pela Sensações Turismo em parceria com a plataforma Guia Negro. O projeto foi estruturado em quatro eixos temáticos: Direitos Humanos, Maria do Arraial, Artes Negras e Vidas Negras. Conforme reportado pelo jornal Estado de Minas (Escobar, 2024), esses percursos promovem uma imersão urbana permeada por referências ao cinema, à literatura, às artes visuais - às esculturas e às empenas dos edifícios -, sempre sob a ótica da ancestralidade e das identidades negras.

Entretanto, observa-se que ainda há uma lacuna no que tange a uma rota exclusiva que reúna o protagonismo das mulheres negras em campos como história, artes, literatura, cinema, música e gastronomia. A despeito das iniciativas mencionadas, a criação de um itinerário focado na trajetória feminina permite uma verticalização necessária das memórias e produções dessas mulheres, consolidando a Rota Mulheres Negras como um desdobramento inédito e essencial para a historiografia e o turismo de Belo Horizonte.

Pautando-se nessa premissa e nas diferentes perspectivas sobre a elaboração de roteiros turísticos, torna-se fundamental compreender a leitura de Guilherme Dias em relação aos turistas negros, pois o “nosso processo de reconhecimento passa por visitar lugares em que nos sentimos representados: na música, na comida, no jeito de andar, de falar, na história, na afetividade, e nas memórias” (Dias, 2023, p.21).

Referente à construção de novas narrativas, é fundamental considerar o alerta de Chimamanda Adichie (2009) sobre “o perigo de uma história única”, visto que a exposição reiterada sobre uma única ótica de povos e territórios limita a compreensão da realidade. Tal fenômeno induz a assimilação de visões parciais e, consequentemente, a construção de estigmas e interpretações equivocadas sobre a diversidade. Como exemplo, a história da Maria do Arraial, uma mulher negra que resistiu à desocupação do Curral Del Rey, para dar lugar à nova capital, por muito tempo foi contada pelo viés do racismo recreativo ao ser referenciada com uma personalidade lendas urbanas. Transpondo essa reflexão para a elaboração da Rota Mulheres Negras, faz-se necessário evitar replicação de narrativas hegemônicas, as quais impactam negativamente o design de produtos turísticos ao reforçarem estereótipos, práticas racistas e abordagens pelo viés eurocêntrico e colonialista. Assim, esta pesquisa propõe-se como uma contra-narrativa necessária ao fortalecimento da identidade e da memória feminina negra na capital mineira.

Observa-se a invisibilização das mulheres pelos ofícios de benzedeiras, e a sabedoria ancestral, na cultura alimentar, na religiosidade dos terreiros de Candomblé e Umbanda e na arte e intelectualidade especialmente as negras. Prova disso é que apenas em 2024 a capital mineira recebeu suas primeiras esculturas de personalidades negras femininas: as escritoras Carolina Maria de Jesus e Lélia Almeida Gonzalez, instaladas no Parque Municipal. Idealizado pela jornalista e pesquisadora negra Etienne Martins, o projeto desafia uma prática secular de homenagens restritas a homens brancos, “destacando a importância de reconhecer a contribuição de mulheres negras na história e cultura do Brasil (Bravo, 2024)”.

Essa reparação simbólica no espaço urbano reforça a urgência de propostas como a Rota Mulheres Negras, que visa expandir esse reconhecimento para além dos monumentos, integrando-os à experiência do território.

A instalação das esculturas visa não apenas homenagear essas intelectuais, mas também fortalecer a narrativa turística afrocentrada no Parque Municipal, espaço bastante visitado pela população local e por turistas. A interação do público com os monumentos, frequentemente se materializa com os registros fotográficos e compartilhamento em redes

sociais, atuando como um catalisador de curiosidade, podendo despertar o interesse do visitante em aprofundar o conhecimento sobre a trajetória pessoal e profissional das personalidades representadas.

Este estudo parte de uma inquietação que nasce da vivência cotidiana: como mulher negra e moradora de Belo Horizonte, o olhar sobre o hipercentro revela silêncios que a história oficial e o turismo ainda não preenche.

A presente pesquisa justifica-se pelo potencial de adensamento teórico no campo do afroturismo em Belo Horizonte, buscando complementar as discussões existentes sobre narrativas afrocentradas. Propõe-se aqui uma sistematização que articula as bases teóricas já consolidadas ao desenvolvimento de metodologias aplicadas à construção de produtos turísticos com foco no protagonismo feminino negro.

Espera-se que a proposição de uma rota/roteiro com recorte em mulheres negras não apenas amplie o escopo das pesquisas acadêmicas na área, mas colabore como ferramenta de enfrentamento ao racismo acadêmico e estrutural. O estudo busca, ainda, contribuir no fomento do segmento em Belo Horizonte - cidade que, em dezembro de 2025, sediou o 1º Congresso Brasileiro de Afroturismo e lançou o Guia de Afroturismo local. Nesse sentido, este trabalho visa dar continuidade ao debate firmado na Carta de Manifesto do Afroturismo, aprofundando a temática sob o olhar da Rota Mulheres Negras.

Nesse sentido, este trabalho visa dar continuidade ao debate firmado na Carta de Manifesto do Afroturismo, aprofundando a temática sob o olhar da Rota Mulheres Negras. Diante deste cenário, delimita-se o problema de pesquisa: Qual é o potencial para o afroturismo em Belo Horizonte, considerando especificamente os atrativos, as narrativas e as iniciativas socioculturais protagonizadas por mulheres negras mineiras?

Objetivo geral

Analisar e sistematizar os atrativos, narrativas e iniciativas socioculturais relacionadas ao protagonismo das mulheres negras em Belo Horizonte, por meio do diagnóstico e da inventariação do território, com vistas à concepção de uma rota de afroturismo.

Objetivos específicos

- Inventariar espaços, atrativos, patrimônios materiais e imateriais, iniciativas

culturais, empreendimentos e manifestações socioculturais em Belo Horizonte que evidenciem o protagonismo histórico e contemporâneo das mulheres negras;

- Caracterizar as trajetórias, narrativas e contribuições de mulheres negras que marcaram e marcam o território belo-horizontino, considerando suas múltiplas dimensões socioculturais, como base para a construção da narrativa turística da rota;
- Elaborar o Canvas da rota de afroturismo “Mulheres Negras de Belo Horizonte”, apontando a proposta de valor, público-alvo, parceiros-chave, atividades, recursos, e valores como experiência do visitante e diretrizes e inclusão.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. O SILENCIAMENTO DAS MULHERES NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Ao longo da história, as mulheres negras foram silenciadas por práticas de invisibilização que, fundamentadas no racismo estrutural, ainda impactam suas dimensões sociais, culturais, econômicas e afetivas. Embora dados do IBGE (2022) mostrem que a população feminina do Brasil supera a masculina em aproximadamente 6 milhões, essa expressiva presença demográfica não se reflete em níveis equivalentes de representatividade social. Essa diferença entre o número de mulheres na população e a falta de espaço político e econômico não acontece por acaso; conforme aponta Gonzalez (2020, p.160), importante intelectual e referência nos estudos sobre raça, gênero e classe no Brasil, a opressão persistente acontece porque a “discriminação de sexo e raça faz das mulheres negras o segmento mais explorado e oprimido da sociedade brasileira.”

Essa autora salienta que, no campo da educação, essa realidade foi reforçada por uma visão depreciativa e uma estética racista dos negros nas bases curriculares das escolas, além de ter sido amplificada pelos meios de comunicação de massa. Tais ideologias, ao promoverem a idealização do homem branco e rico como padrão de superioridade, geraram processos de perda de identidade e sentimentos de rejeição entre crianças negras. Como consequência, observa-se um impacto direto na saúde psicossocial desses indivíduos, contribuindo para o aumento das taxas de evasão escolar e a vulnerabilidade ao trabalho infantil. No caso das meninas negras, esse processo é ainda mais severo: elas sofrem precocemente com as marcas do racismo e do sexismo, vivenciando, desde a infância, a realidade descrita por Lélia Gonzalez (2020, p.160),

segundo a qual “ser uma mulher negra e pobre é um dos piores males” em nossa sociedade.

Atualmente, esse histórico ainda reverbera sob novos moldes, manifestando-se no racismo presente no ambiente escolar e na dificuldade de autoidentificação dos estudantes como pretos ou pardos. Essa realidade evidencia que a discriminação racial é uma ferida aberta e explícita na educação brasileira, o que torna urgente a aplicação efetiva da Lei nº 10.639/2003 (atualizada pela Lei nº 11.645/2008). Longe de ser apenas uma formalidade, essa legislação surge como um instrumento de combate ao racismo estrutural, exigindo um processo contínuo de formação de educadores para que estejam aptos a desconstruir preconceitos em sala de aula. Assim, a implementação dessas diretrizes curriculares não é apenas um dever pedagógico, mas uma estratégia política para a redução das desigualdades e para a garantia de que a população negra ocupe, com dignidade, o mercado de trabalho, o turismo e todos os espaços de poder.

No que diz respeito ao mercado de trabalho, Lélia Gonzalez, filósofa, antropóloga e militante do movimento negro feminino, já investigava como ocorria a inclusão das mulheres negras nesse campo, observando que essa inserção se concentrava principalmente em atividades manuais, caracterizadas por baixa remuneração e reduzido nível de escolarização. A presença dessas mulheres em cargos de especialização ou em áreas administrativas mostrava-se ainda mais limitada (Gonzalez, 2020, p.159).

Nesse cenário, outra autora que dialoga com o pensamento acerca da subjetividade das mulheres negras no Brasil é Beatriz Nascimento. A publicação das suas produções, apenas anos após seu falecimento, evidência que o fato de seus textos não terem recebido o devido reconhecimento em tempo oportuno é um retrato do apagamento da intelectualidade negra, resultado do racismo acadêmico.

A historiadora, professora, ativista e poeta brasileira Beatriz Nascimento, nascida em julho de 1942 e falecida em janeiro de 1995, deixou uma obra composta por ensaios, poemas e aforismos que em partes estavam dispersos em livros, revistas e jornais esgotados ou de difícil acesso o que a colocava e também o seu trabalho em relativa situação de esquecimento. Sua principal pesquisa abordava os quilombos que existiram em todas as regiões do Brasil. Ela também se dedicou a estudar outras espacialidades e culturas negras, além de ter escrito outros artigos sobre mulheres negras (Ratts, 2015, p.119).

Assim, como Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez, muitas outras mulheres negras foram, e ainda permanecem sem o devido reconhecimento, mesmo desempenhando papéis relevantes na pesquisa, na literatura, nas artes, na música e nas políticas. Embora a

atuação dessas mulheres tenha sido crucial, seus feitos não alcançaram o devido destaque na sociedade. Um exemplo significativo desse processo de invisibilização pode ser observado no caso da escritora Conceição Evaristo, importante nome da literatura brasileira contemporânea e vencedora do Prêmio Jabuti. Apesar da expressiva mobilização social para sua candidatura à Academia Brasileira de Letras em 2018, a escritora não obteve votos suficientes para ingressar na instituição. Esse episódio evidenciou as barreiras estruturais da Academia, que somente sete anos depois, em 2025, rompeu esse silenciamento histórico ao eleger a escritora Ana Maria Gonçalves como a primeira mulher negra a ocupar uma de suas cadeiras.

Nesse contexto, a proposição de uma Rota Mulheres Negras em Belo Horizonte busca contribuir para a valorização das trajetórias dessas mulheres, integrando suas histórias às narrativas turísticas da cidade e ampliando a visibilidade de suas contribuições sociais, culturais e intelectuais.

2.2. AFROTURISMO E A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS PLURAIS EM ROTEIROS TURÍSTICOS

O termo afroturismo embora recente, consolida-se como campo de resistência terminológica e conceitual. Antes de aprofundar essa temática, faz-se necessário apresentar a definição de afrocentricidade, a fim de esclarecer o conceito utilizado ao longo do estudo para compreender a aplicação da expressão “narrativas afrocentradas”.

A partir das reflexões de Asante (2009, p. 5-14), compreende-se que a afrocentricidade transcende a mera teoria acadêmica e se consolida como uma proposta normativa, baseada na premissa da centralidade. Ao posicionar o interesse e a cultura africana como o eixo principal da ação e do pensamento, o conceito reivindica que o povo africano seja reconhecido como o protagonista da sua própria trajetória na história pós-moderna. Assim, a afrocentricidade manifesta-se como uma expressão de determinação coletiva, na qual a mitologia, as ideias criativas e o ethos africano deixam de ocupar uma posição periférica para se tornarem a base legítima de interpretação da realidade e de construção do futuro.

A partir dessa compreensão apresentada por Molefi Kete Asante, estabelece-se uma base conceitual que conduz ao entendimento do afroturismo. Nesse sentido, o conceito é indissociável do turismo afrocentrado, definido como aquele pautado por narrativas afroreferenciadas que buscam “deslocar o olhar do turismo tradicional,

pautado por uma visão branca e eurocêntrica, para uma perspectiva negra dos fenômenos sociais envolvidos no fazer turístico” (Oliveira, 2020, p.308). Esse deslocamento não é apenas estético, mas também epistemológico, pois questiona as bases sobre as quais o lazer e a memória foram historicamente construídos no Brasil.

Sob essa ótica, Oliveira (2020) argumenta que o afroturismo promove uma mudança de paradigmas ao contrapor narrativas hegemônicas e enfrentar o racismo estrutural. A atividade deixa de enxergar o sujeito negro apenas como força de trabalho na cadeia produtiva do turismo para posicioná-lo como protagonista e detentor de saberes.

Além disso, a autora destaca a dimensão educativa desse segmento: ao atrair um público diverso - incluindo pessoas não negras -, as rotas afrocentradas operam também como ferramentas de letramento racial e reflexão crítica sobre o patrimônio material e imaterial em espaços urbanos e rurais.

É notório que a atividade turística possui potencial transformador por meio da valorização do patrimônio cultural, especialmente ao explorar lugares de memória, como museus, centros culturais, ruas e bairros, provocando reflexões contemporâneas relacionadas à luta antirracista.

Daí a mudança de paradigmas que a atividade alcança. Ao contrapor narrativas, o afroturismo busca combater o racismo, tão presente na atividade, abrindo espaços para o fortalecimento da identidade negra, para o resgate da memória do povo negro, para a valorização das narrativas negras, para a mudança da visão do negro como mão de obra na atividade e para a educação de jovens. Neste processo, o turismo se mostra em toda a sua potência, celebrando a diversidade e contribuindo para o fortalecimento de identidades (Oliveira, 2020, p.313).

Essa mudança de olhar proposta por Oliveira (2020) permite romper com o silenciamento histórico discutido anteriormente. Se o turismo tradicional em Belo Horizonte enfatiza predominantemente a arquitetura planejada vinculada ao projeto de modernização da cidade, o afroturismo surge também como uma ferramenta de visibilização de memórias historicamente silenciadas.

Não se trata apenas de uma nova modalidade de viagem, mas de uma práxis política, capaz de devolver ao território seu caráter ancestral e de transformar aquilo que antes era invisibilizado em elemento central da experiência turística.

A autora aborda que o afroturismo tem despertado o interesse de um público não negro, sendo possível observar que essa modalidade se apresenta como uma estratégia educativa e antirracista. Para Dias (2023), o afroturismo vai além de uma prática de

letramento racial, configurando-se como um movimento dentro da atividade turística que envolve múltiplos atores sociais.

Dando materialidade a esse movimento mencionado por Dias (2023, p.33), o autor destaca a importância do movimento das iniciativas das plataformas digitais no Brasil, destaca-se o surgimento da Black Bird, descrita “como uma plataforma para inspirar viagens, e torná-las mais inclusivas” (Dias, 2023, p.33). Além do ambiente digital, a iniciativa expandiu-se para experiências como as Caminhadas São Paulo Negra, que revelam histórias e personagens negros até então invisibilizados na historiografia oficial da capital paulista.

Atualmente, essa rede de fortalecimento expandiu-se para capitais como Salvador, Brasília e Rio de Janeiro chegando também ao interior mineiro com a iniciativa *Caminhada Juiz de Fora Negra*. Embora o projeto não possua um roteiro exclusivo sobre o protagonismo feminino, a pesquisadora Vitória Maurício (2025) demonstra como essas figuras são fundamentais na composição da narrativa e da paisagem do percurso. Tais trajetórias revelam diferentes formas de resistência: desde a luta jurídica de Roza Cabinda por sua alforria no século XIX e a presença artística de Dionysia Moreira nos palcos do Cine Teatro Central, até a atuação contemporânea de Pâmella Stéphanie, uma das idealizadoras da referida Caminhada. A esse coro de vozes somam-se as contribuições de pesquisadoras como Elione Guimarães, Giane Elisa Sales, Rita de Cássia Félix e Giovana Castro, cujos estudos são essenciais para combater a invisibilidade histórica e preservar a memória e a identidade negra na cidade.

Esse movimento de resgate e valorização da presença negra no espaço urbano não se restringe à Zona da Mata; no contexto de Belo Horizonte, observa-se um movimento de desenvolvimento semelhante, que se materializa em estratégias de divulgação turística especializada. Destaca-se, nesse cenário, o recente lançamento do Guia de Afroturismo Belo Horizonte – Beagá Negra, uma iniciativa da Sensações Turismo e do Guia Negro, com apoio da Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte - Belotur. O documento sistematiza a “afromineiridade” presente em elementos como a gastronomia, os quilombos urbanos, o congado, os blocos de carnaval, os roteiros turísticos, os afroempreendedores, os museus e os monumentos públicos.

Todavia, embora o guia apresente um panorama abrangente da cultura negra, observa-se que o protagonismo feminino é frequentemente diluído em categorias generalistas. Assim, este artigo propõe um desdobramento analítico desse mapeamento inicial, focando na construção de uma rota que dê centralidade exclusiva às trajetórias das

mulheres negras que tecem o território belo-horizontino, dentro dos limites da Avenida do Contorno. É nesse hiato que se insere a presente proposta: ao enfatizar as trajetórias das mulheres negras, busca-se não apenas complementar os mapeamentos e as roteiros existentes, mas também conferir centralidade às dimensões políticas, artísticas e religiosas que foram, e continuam sendo, lideradas por mulheres na capital mineira.

3. METODOLOGIA

O propósito deste artigo consiste em analisar e sistematizar os atrativos, narrativas e iniciativas socioculturais relacionadas ao protagonismo das mulheres negras em Belo Horizonte, por meio do diagnóstico e da inventariação do território.

Para tanto, será realizado um recorte que delimita o percurso geográfico à região compreendida pela Avenida do Contorno. Essa delimitação justifica-se por abranger a área originalmente planejada para a construção da cidade, que constitui o eixo central do turismo tradicional da cidade e é frequentemente contemplada em *city tours*. E também a familiaridade da autora com a região.

Paralelamente, roteiros mais contemporâneos, como as *Caminhadas Belos Horizontes Negros*, também exploram essa área, evidenciando camadas históricas diversas. Nesse sentido, estabelece-se também o recorte temático voltado às mulheres negras, com o objetivo de conferir visibilidade às suas trajetórias, presenças e contribuições nesse território.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva e diagnóstica, que se estruturou inicialmente a partir de uma pesquisa bibliográfica. Segundo Gil (2008), essa modalidade é comum na maioria das pesquisas por permitir o estudo com base em publicações já estabelecidas, como livros e artigos. Na composição da fundamentação teórica, adotaram-se critérios políticos para a seleção de referências, priorizando pesquisadoras clássicas como Lélia Gonzalez, no campo do feminismo negro, e Beatriz Nascimento, cujas reflexões contribuem para a discussão sobre as interseccionalidades de raça, gênero e classe, fundamentando assim a análise sobre o silenciamento histórico das mulheres negras.

Nesse contexto específico de Belo Horizonte, o estudo embasou-se nos trabalhos de Pereira (2015) que analisam como a historiografia da capital mineira foi construída sob a negação da existência e da contribuição da população negra. Para a discussão sobre o afroturismo e a construção de narrativas plurais, a pesquisa fundamentou-se nos

diálogos de Dias (2022) e Oliveira (2020), referências centrais para a compreensão dos conceitos de afroturismo, narrativa turística e perspectivas afrocentradas. Complementarmente, a pesquisa documental em fontes primárias referentes ao período de 2008 -2025, incluindo jornais, leis e decretos. Esse levantamento permitiu confrontar esses silenciamentos históricos com iniciativas contemporâneas.

Entre os marcos analisados destacam-se a instalação das esculturas de Lélia Gonzalez e Carolina Maria de Jesus, bem como o decreto de criação do Programa Rotas Negras, elementos relevantes para o debate em um campo ainda pouco explorado no planejamento urbano tradicional.

O mapeamento proposto ultrapassa a dimensão física do território, configurando-se como uma cartografia simbólica e narrativa voltada à identificação de memórias e produções culturais protagonizadas por mulheres negras.

Para a execução do diagnóstico e inventário de espaços, patrimônios e manifestações socioculturais que evidenciem esse protagonismo em Belo Horizonte, utiliza-se o modelo de inventariação do Ministério do Turismo para uma aplicação seletiva.

A análise espacial e a validação do trajeto não decorreram de uma incursão de campo isolada, mas sim do conhecimento situado da autora. Portanto, a vivência cotidiana como moradora e frequentadora assídua do centro da capital mineira constitui o suporte empírico para a análise da viabilidade da rota. Esse percurso, sedimentado pela experiência prática, permitiu diagnosticar o nível de esforço físico como médio, considerando as nuances topográficas e as barreiras urbanas que a cartografia oficial muitas vezes invisibiliza.

A opção por essa modalidade justifica-se pela natureza exploratória do trabalho e pela necessidade de sistematizar dados secundários e institucionais que se encontram dispersos, atendendo ao rigor técnico exigido pelo mercado de turismo. Embora a investigação *in loco* formal não tenha sido realizada nesta etapa, a validação empírica mencionada assegura a exequibilidade do roteiro. Futuras pesquisas poderão dar continuidade a este estudo mediante incursões técnicas específicas. Os dados coletados foram analisados para a extração das categorias do inventário, além de passarem por uma análise crítica e interpretativa das narrativas, compreendidas aqui como uma cartografia simbólica.

A seleção das vias e das personalidades que compõem a rota foi realizada de forma intencional, utilizando o critério de convergência histórica e espacial. Este

processo foi atravessado pela vivência da autora enquanto moradora e frequentadora assídua da área central de Belo Horizonte, o que permitiu um diagnóstico sensível de memórias que operam à margem da oficialidade. Assim, as vias selecionadas como a Praça da Liberdade, Rua Gonçalves Dias, Rua da Bahia, Avenida Afonso Pena, Parque Municipal, Rua Aarão Reis. Embora integrem o traçado oficial e planejado da capital mineira, que são aqui reinterpretadas a partir de um olhar situado que reconhece suas camadas de invisibilidade e resistência.

As personalidades foram escolhidas por representarem diferentes campos do saber e da arte - como o cinema, a literatura, a performance, a música, a produção cultural, o teatro e a gastronomia - permitindo que a rota se configure não apenas como um deslocamento geográfico, mas também como um resgate do protagonismo feminino negro e um espaço de diálogos em diversas frentes de resistência na área central de Belo Horizonte.

A pesquisa operacionaliza a inventariação seletiva mediante a adaptação das fichas da Categoria C (Atrativos Culturais) do Manual de Inventariação da Oferta Turística proposto pelo Ministério do Turismo (Brasil, 2022). Esta adaptação visa seguir um rigor metodológico decolonial ao priorizar a visibilidade das trajetórias das mulheres negras, organizando-se nos eixos: Lugares de Fé, Espaços Culturais, Gastronomia, Formas de Expressão e Personalidades. Tal procedimento permite que o diagnóstico ultrapasse a análise da infraestrutura física, alcançando também a dimensão simbólica e a narrativa que configura o território sob a ótica da afrocentricidade.

A fim de atender os objetivos deste estudo, propõe a adaptação do modelo de inventário turístico do MTur (2022). Tal adaptação justifica-se pela necessidade de ir além do ponto de vista monumentalista da metodologia oficial, priorizando as subjetividades e trajetórias de resistência. A Tabela 1, a seguir, detalha a transposição metodológica realizada, onde as categorias convencionais são substituídas para uma ótica simbólica, com foco no protagonismo negro feminino.

Tabela 01. Transposição metodológica

Modelo Inventário (MTur, 2022)	Proposta de Adaptação (Inventário Seletivo)	Objetivo da Mudança
Denominação	Identidade e Nome Social	Identificar nomes, lugares e edifícios, que foram apagados ou alterados pela história oficial.
Histórico	Trajetória de Resistência	Narrar os feitos e contribuições das mulheres negras, em vez de focar apenas em datas e fatos institucionais.
Descrição Física	Descrição Simbólica e Imaterial	Priorizar o significado cultural, o patrimônio imaterial e a representatividade do local e personalidade para a comunidade negra.
Estado de Conservação	Nível de Visibilidade Social	Identificar se o local/ personalidade é reconhecida pela população local e a justificativa para o reconhecimento destes.
Época de Ocorrência	Ciclos de Ancestralidade	Registrar o calendário cultural próprio (festas de terreiro, congados, marcos de ativismo feminino).
Infraestrutura / Acesso	Conectividade Afetiva e Rota	Avaliar como o local ou personalidade se integra a outros pontos de protagonismo negro, facilitando a criação da rota turística.

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

A partir da inventariação, a rota foi estruturada na plataforma *Google My Maps*, com o objetivo de realizar a curadoria do percurso e à materialização das narrativas de protagonismo feminino negro. A escolha dessa ferramenta justifica-se pela possibilidade de disponibilização ao público, conferindo autonomia do público de forma intuitiva e gratuita. Dessa forma, o percurso foi desenhado de maneira que o público interessado pudesse realizá-lo de forma independente, orientado por diretrizes narrativas e geográficas previamente estabelecidas.

Por fim, a estruturação estratégica da rota foi consolidada por meio da metodologia *Business Model Canvas*. A aplicação deste modelo de gestão objetivou conferir viabilidade operacional e mercadológica ao roteiro, transformando a cartografia simbólica em uma proposta de produto turístico. A utilização desta ferramenta permitiu a sistematização da proposta de valor, a identificação de parceiros-chave e a definição dos

canais de relacionamento. Complementarmente, a plataforma Canva serviu como suporte de design para a materialização visual e gráfica das informações produzidas, unindo o rigor estratégico à acessibilidade visual do produto final.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A elaboração do inventário seletivo constituiu um marco inicial de catalogação do protagonismo feminino negro em Belo Horizonte. Entre as personalidades identificadas, destacam-se artistas, escritoras e intelectuais cuja atuação abrange distintos campos da produção cultural, como Maria do Arraial, Zaika Santos, Priscila Rezende, Maria Lira Marques, Adélia Sampaio, Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves, Clara Nunes, Isabel Casimira, Maíra Baldaia, Anita Santos, Teuda Bara e Kelma Zenaide.

Somam-se a essas trajetórias a identificação de marcos simbólicos e territoriais, como o Largo do Rosário — importante patrimônio imaterial que, por meio de sua ressignificação, retoma sua simbologia de fé e resistência negra na capital — e as recentes esculturas de Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez e Luz das Ruas instaladas no Parque Municipal. Estas obras materializam não apenas a conquista de visibilidade, mas também a inscrição material de epistemologias femininas negras na paisagem urbana, elemento crucial para a disputa simbólica do espaço público.

A seleção baseou-se nos critérios de relevância histórica, intelectual, artística e diversidade de representação cultural, integrando o repertório da pesquisadora adquirido na educação museal e na fruição de performances e debates sobre as temáticas das negritudes. O recurso à escrevivência, conforme formulado por Conceição Evaristo, permite reconhecer a experiência subjetiva da pesquisadora como um dispositivo legítimo de produção e interpretação do conhecimento, integrando a dimensão sensível e o rigor analítico. Assim, a pesquisa bibliográfica e documental articula-se à sensibilidade da pesquisadora, permitindo identificar múltiplos pontos de conexão entre as trajetórias dessas mulheres nos campos da música, artes visuais, literatura, academia e gastronomia.

A sistematização dos dados bibliográficos, documentais e do inventário seletivo culminou no protótipo da rota criada no *Google My Maps* que pode ser testada a pé intitulada *Nossos passos vêm de longe: proposta de rota de mulheres negras em Belo Horizonte*. O percurso possui aproximadamente 3 km de extensão, com duração estimada entre duas horas e meia e três horas, considerando as pausas realizadas ao longo do trajeto para as explicações, mediação cultural e diálogo crítico com o público participante.

Essa métrica temporal segue as práticas das caminhadas negras realizadas em Belo Horizonte e cidades brasileiras, que articulam deslocamento urbano, interpretação histórica do território e reflexão coletiva sobre as memórias e os protagonismos negros na cidade. A proposição é que o itinerário inicia-se na Praça da Liberdade e finaliza na Rua Aarão Reis no restaurante Território Kitutu.

A escolha desse ponto de partida, para além de sua carga simbólica, opera como um gesto de reinscrição espacial. Ao posicionar a narrativa no local onde existiu a residência de Maria do Arraial, a rota a reintegra essa figura ao centro da memória urbana, questionando os apagamentos fundacionais da capital e a expulsão das famílias do antigo Arraial do Curral Del Rey. Nesse cenário, a videoperformance *Meu nome é Maria e eu sou a história de Belo Horizonte*, de Zaika Santos, atua como dispositivo crítico para introduzir o debate sobre essa ancestralidade silenciada

A rota contempla a Rua Gonçalves Dias, explorando as adjacências da praça com o objetivo de contemplar personalidades que se destacam na performance, na sétima arte e na arte popular. Nesse contexto, destaca-se o trabalho da artista Priscila Rezende, cuja produção artística dialoga com questões relacionadas ao corpo negro e à estética.

A opção por esse recorte geográfico responde a uma estratégia de confronto simbólico com a monumentalidade arquitetônica da Praça da Liberdade, produzindo tensões interpretativas que evidenciam a presença corporal e estética das artistas negras no território.

Nas proximidades, no Cine UNA Belas Artes, a rota evidencia o pioneirismo de Adélia Sampaio, reconhecida como a primeira mulher negra a dirigir um longa-metragem no Brasil. Sua produção cinematográfica tem despertado crescente interesse de pesquisadores e estudantes da área.

O percurso segue até o Centro de Arte Popular, que, além de sua proximidade com o atrativo anterior, apresenta a obra de Maria Lira Marques, ceramista, pintora, cantora e mestre dos saberes tradicionais do Vale do Jequitinhonha. A produção da artista mineira encontra ressonância nas “escrivências” de Conceição Evaristo, que também integra o conjunto de personalidades destacadas no percurso.

Na Rua da Bahia, estabelece-se ainda uma relação com a trajetória literária de Conceição Evaristo, especialmente em sua vinculação simbólica com a Academia Mineira de Letras. Nesse mesmo contexto, destaca-se também a escritora Ana Maria Gonçalves, autora do romance *Um defeito de cor* e a primeira mulher negra a se tornar imortal na Academia Brasileira de Letras.

A descida pela Rua da Bahia configura-se como um elemento estratégico na construção do roteiro, uma vez que possibilita diversas conexões com patrimônios situados tanto no perímetro do traçado planejado da capital, bem como em suas imediações. Trata-se de uma via marcada por sucessivas camadas de silenciamento histórico, que vem sendo progressivamente revisitadas em pesquisas acadêmicas. Nesse sentido, o trajeto recupera referências negras associadas ao antigo Largo do Rosário, demolido durante o processo de construção da capital mineira, ao mesmo tempo em que denuncia apagamentos contemporâneos, como a remoção do grafite Ori II, da artista Criola.

O percurso segue pela Avenida Afonso Pena, eixo que simboliza a grandiosidade do projeto urbanístico da capital. Nesse trecho, a rota contempla espaços como o Teatro Francisco Nunes, com destaque para a atuação da produtora cultural Cris Gil e da atriz Teuda Bara, integrante do Grupo Galpão. Nas proximidades, o Conservatório UFMG evidencia a produção musical da cantora Maíra Baldaia, com destaque para o álbum Obí.

Ao adentrar o Parque Municipal Américo Renné Giannetti, o espaço foi selecionado por salvaguardar marcos recentes de visibilidade, como as estátuas de Lélia Gonzalez e Carolina Maria de Jesus. Durante a pesquisa, identificou-se também a existência da obra Luz das Ruas, que homenageia Anita Santos, ativista que lutou pelos direitos e pela construção de políticas públicas voltadas à população em situação de rua. Essa trajetória dialoga com a escrita de Carolina Maria de Jesus.

O encerramento do percurso ocorre na Rua Aarão Reis, onde se localiza o Território Kitutu, espaço de aquilombamento conduzido pela chefe Kelma Zenaide. A escolha desse ponto busca dar visibilidade ao empreendedorismo de mulheres negras e à culinária afrobrasileira e afetiva. Além disso, o local amplia as possibilidades da experiência proposta pela caminhada ao integrar o percurso a uma dimensão gastronômica.

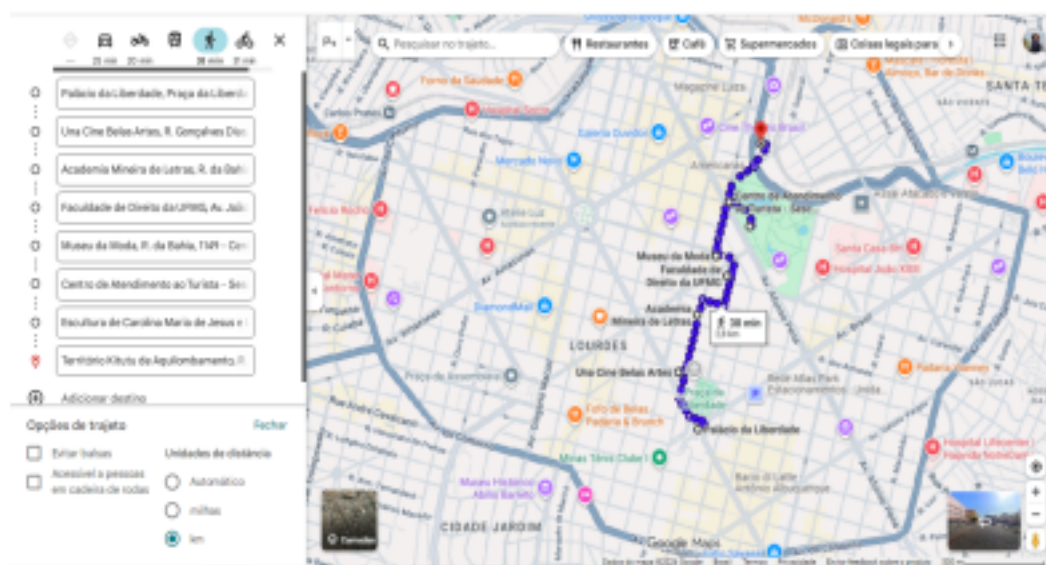
A área também se destaca pela proximidade com o Viaduto Santa Tereza e com o Mirante de Arte Urbana da Rua Sapucaí, espaços reconhecidos por sua intensa produção cultural. O entorno abriga manifestações como o Duelo de MCs, o Samba da Meia-Noite e o Teatro Espanca!, reafirmando que, apesar dos apagamentos históricos, a presença e a produção cultural das mulheres negras seguem resistindo e se reinventando na cidade.

Além das mulheres destacadas ao longo da rota, outras figuras importantes foram mapeadas durante a pesquisa, como a pesquisadora Nila Rodrigues Barbosa, a cantora Clara Nunes e Isabel Casimira, atual rainha conga da Guarda 13 de Maio.

Por fim, ressalta-se que, na rota proposta, as mulheres negras selecionadas não constituem apenas um ponto de partida para a investigação. O levantamento realizado evidencia que o protagonismo feminino negro pode ser explorado de maneira ainda mais ampla tanto dentro dessa rota quanto em suas proximidades e em outras regiões de Belo Horizonte.

Dessa forma, a rota propõe uma experiência de interpretação crítica do espaço urbano ao articular o legado histórico de mulheres negras fundamentais para a formação da cidade com o protagonismo de figuras contemporâneas, cujas produções artísticas e intelectuais operam como formas de resistência e reinscrição de memórias no presente.

Figura 1. Representação cartográfica do percurso da rota proposta com base no mapa oficial de Belo Horizonte



Fonte: Elaboração própria (2026).

O mapa apresentado permite visualizar a organização espacial do percurso e a relação entre os pontos selecionados, bem como o recorte geográfico da proposta, contribuindo para a compreensão de como os roteiros de caminhadas interpretativas podem ser desenvolvidos neste estudo, que se inicia na Praça da Liberdade e segue em direção à região central de Belo Horizonte.

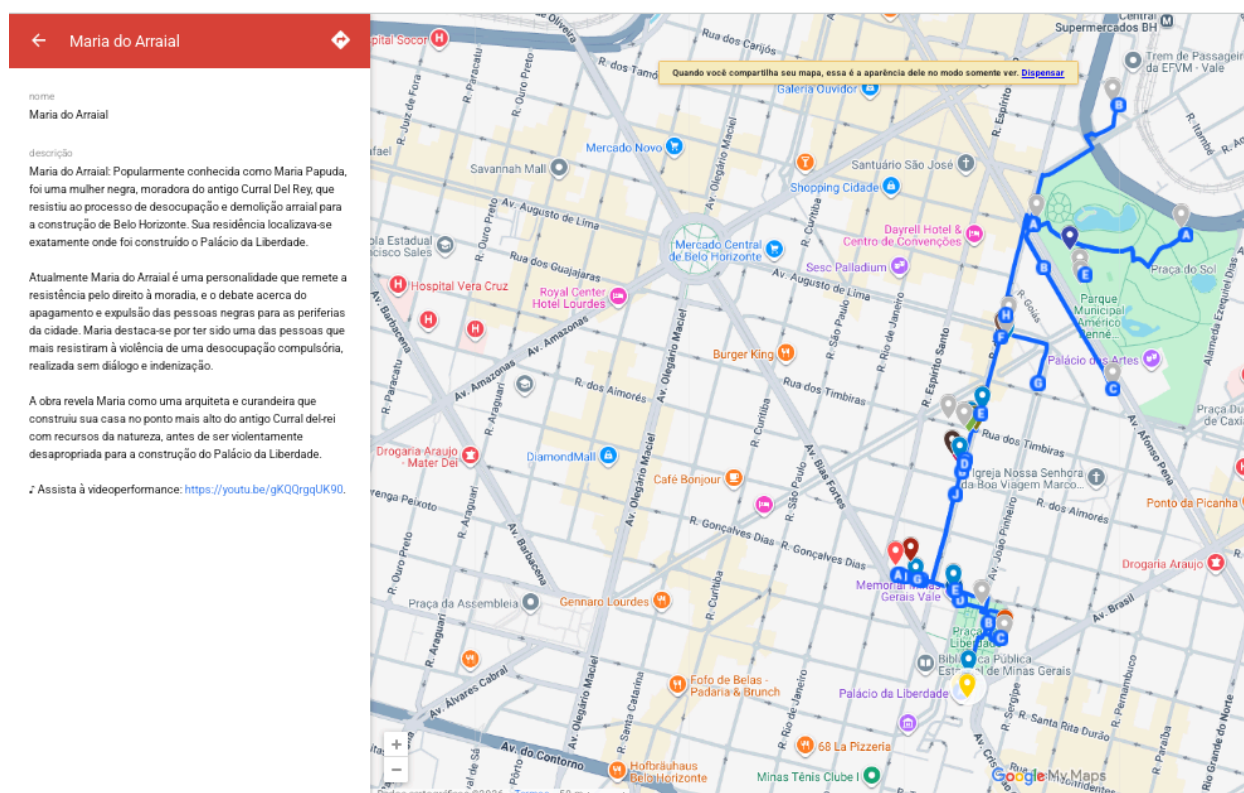
É necessário destacar que a presente pesquisa configura a primeira etapa de um

processo de planejamento turístico. A rota aqui proposta funciona como um macrocampo de possibilidades fundamentado no inventário seletivo, mapeando trajetórias que podem ser desdobradas em diferentes roteiros temáticos, por exemplo, roteiro das artes, roteiro das resistências históricas, roteiro gastronômico.

Para a efetiva operacionalização dessa rota enquanto produto turístico-cultural, etapas subsequentes são indispensáveis. Entre elas, destaca-se a realização de caminhadas piloto, como objetivo de validar o tempo, o esforço físico e o plano de mediação e bem como a consolidação dos eixos temáticos que guiarão a narrativa durante a caminhada.

Neste sentido, o presente estudo apresenta-se como um alicerce metodológico e espacial, capaz de subsidiar a elaboração de roteiros que integrem, de forma coesa e crítica, a seleção de mulheres negras aqui inventariadas, valorizando suas trajetórias e contribuições no contexto urbano de Belo Horizonte.

Figura 2. Mapeamento da Rota Mulheres Negras em Belo Horizonte



Fonte: Elaboração própria no Google My Maps (2026).

A Figura 2 ilustra a interface que o usuário poderá acessar ao utilizar a rota por meio da plataforma *Google My Maps*. Nela, apresentam-se a descrição geral da rota e as orientações logísticas para a realização da caminhada de forma autônoma. No painel lateral esquerdo, consta a relação das personalidades homenageadas e os respectivos

marcadores de localização. Ao interagir com esses pontos no mapa, o leitor tem acesso a pequenos textos, imagens e hiperlinks destinados ao aprofundamento do conteúdo sobre cada trajetória de mulheres negras na literatura, na música, nas artes visuais, no cinema, na gastronomia, no teatro.

A organização do percurso evidencia que diversas mulheres negras podem compor as narrativas da rota turística realizada nos limites da Avenida do Contorno, em Belo Horizonte. Em alguns casos, essas trajetórias dialogam de forma mais direta com o território percorrido; em outros, a relação se estabelece por meio de uma compreensão mais subjetiva e sensível, capaz de produzir múltiplas conexões entre as experiências dessas mulheres e o território. Sob essa ótica, a Rota Mulheres Negras configura-se como um eixo matriz a partir do qual podem derivar diversos roteiros de caminhada, conforme o recorte temático ou o perfil do público.

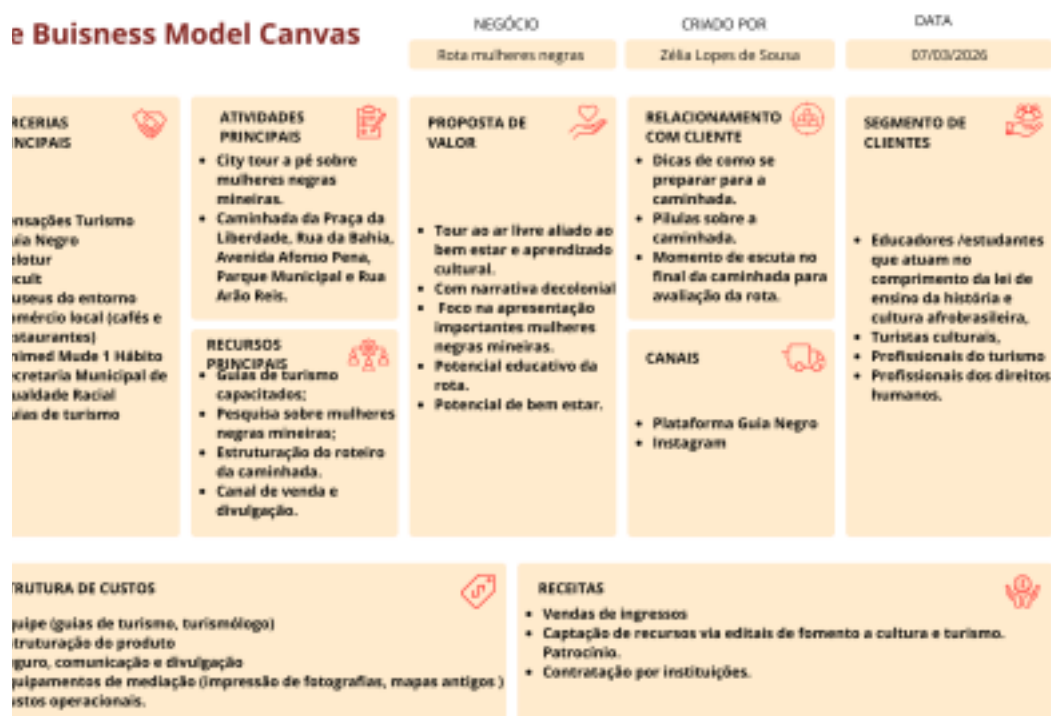
A análise espacial demonstrou a viabilidade de conexão entre os pontos selecionados, permitindo a estruturação de um trajeto contínuo e acessível a pé com nível de esforço físico médio. A proximidade entre os locais escolhidos favorece a construção de mais de um roteiro integrado, que convida à observação atenta do espaço urbano ao longo do deslocamento. Dessa forma, a configuração do percurso, com início na Praça da Liberdade e seguindo pela Rua da Bahia em direção ao hipercentro, possibilita uma caminhada fluida que une o deslocamento pelo território à interpretação cultural de suas histórias. Além disso, a opção pelo deslocamento a pé estimula a ocupação do espaço público e promove uma relação mais próxima e sensível com a cidade, potencializando o bem-estar associado às atividades ao ar livre.

Nesse sentido, a construção da rota proposta evidencia o potencial do território central de Belo Horizonte para a elaboração de narrativas turísticas que valorizem o protagonismo de mulheres negras. A articulação entre pesquisa bibliográfica, levantamento documental e inventariação seletiva permitiu identificar referências culturais, artísticas e históricas capazes de compor um percurso interpretativo no espaço urbano. Assim, o itinerário apresentado configura-se como uma possibilidade de leitura crítica da cidade, contribuindo para ampliar a visibilidade de trajetórias frequentemente silenciadas na narrativa oficial, no patrimônio e no turismo, além de oferecer subsídios para futuras iniciativas de pesquisa, mediação cultural e desenvolvimento de produtos turísticos comprometidos com a valorização da diversidade cultural e do protagonismo feminino negro.

Com o objetivo de compreender as possibilidades de operacionalização da rota proposta enquanto produto turístico-cultural, foi elaborado um modelo de estruturação

baseado na ferramenta Business Model Canvas, que permite visualizar de forma resumida os principais elementos necessários para o funcionamento da iniciativa, incluindo proposta de valor, público-alvo, parcerias, recursos e fontes de receita.

Figura 3. Canvas Rotas Nossos Passos vêm de longe



Fonte: Adaptação Business Model Canvas (2026).

O modelo apresentado na figura foi elaborado com base na ferramenta Business Model Canvas e tem como objetivo sistematizar os principais elementos necessários para a viabilização da rota *Nossos Passos Vêm de Longe: Mulheres Negras em Belo Horizonte* enquanto produto turístico-cultural.

A estrutura evidencia aspectos como parcerias institucionais, atividades centrais, recursos necessários, proposta de valor, canais de divulgação, relacionamento com o público e possíveis fontes de receita. Observa-se que a iniciativa se fundamenta na articulação entre afroturismo, educação e a valorização do protagonismo de mulheres negras mineiras, propondo uma experiência de caminhada interpretativa no espaço público.

Além disso, o modelo demonstra o potencial de colaboração entre instituições culturais, guias de turismo e iniciativas do comércio local, indicando caminhos para a

implementação e a sustentabilidade financeira da proposta no contexto do turismo urbano, bem como a ressaltando o potencial educativo da cidade.

A proposta demonstra ainda que se trata de um produto direcionado a um público específico, o que indica que a venda de ingressos, isoladamente, pode não ser suficiente para garantir a sustentabilidade financeira da iniciativa. Tal constatação justifica, por exemplo, a necessidade de captação de recursos por meio de editais de fomento, bem como o estabelecimento de parcerias e patrocínios diretos que contribuam para a manutenção e continuidade da proposta.

O detalhamento da rota, das personalidades e dos pontos de apoio encontra-se disponível no mapa elaborado na plataforma no mapa do Google My Maps. Para acessar clique em cima do link : <https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1Sks4MozY4k7WshpczGTvsXYCMtRVRzM&ll=-19.925473758895276%2C-43.93635513118516&z=16>

Por fim, o inventário seletivo das mulheres negras de Minas Gerais confirmou que, apesar de suas importantes atuações em diferentes segmentos sociais, culturais e artísticos, essas mulheres ainda permanecem amplamente invisibilizadas. O levantamento realizado também evidenciou que o número de personalidades identificadas vai além daquelas efetivamente inventariadas neste estudo, indicando a existência de muitas outras personalidades relevantes que ainda podem ser investigadas e incorporadas a futuras pesquisas. Neste contexto, destaca-se como exemplos, as Santas Pretas do Museu de Quilombos e Favelas Urbanos -MUQUIFU. As benzedeadas que guardam a sabedoria das ervas e palavras que curam como: Rainha Evelina, Mãe Josi, Ekedí Maria José, Mãe Neli. O legado de Adriana Araújo, no samba, o bloco de carnaval Tapa de Mina, bem como as matriarcas dos quilombos urbanos.

5. CONCLUSÃO

A presente pesquisa investigou as possibilidades de construção de uma rota turística que evidencie o protagonismo de mulheres negras no espaço urbano de Belo Horizonte, articulando elementos do afroturismo, da interpretação do patrimônio e das caminhadas urbanas como estratégia de mediação cultural. A partir da pesquisa bibliográfica, do levantamento documental e da elaboração de um inventário seletivo, foi possível identificar personalidades, lugares e narrativas que contribuem para ampliar a compreensão da presença e das contribuições de mulheres negras na história e na cultura

da cidade.

Os resultados demonstraram que, embora essas mulheres tenham desempenhado papéis relevantes em diferentes áreas — como arte, literatura, ativismo, música e produção cultural — suas trajetórias ainda permanecem sub-representadas nas narrativas oficiais do patrimônio e do turismo. Nesse sentido, a proposta da rota *Nossos passos vêm de longe* busca contribuir para a valorização dessas histórias por meio de um percurso interpretativo que conecta pontos estratégicos do centro da cidade, promovendo uma leitura crítica do território e estimulando o reconhecimento do protagonismo feminino negro.

A análise espacial confirmou a viabilidade de um trajeto caminhável que articula deslocamento urbano, interpretação cultural e fruição do espaço público. Adicionalmente, a estruturação do produto por meio da ferramenta *Business Model Canvas* permitiu refletir sobre os aspectos operacionais, institucionais e financeiros necessários para sua implementação, evidenciando tanto as potencialidades quanto os desafios relacionados à sustentabilidade da proposta.

Destaca-se ainda que o inventário realizado revelou a existência de um número significativamente maior de mulheres negras com trajetórias relevantes do que aquelas efetivamente incorporadas ao percurso proposto, indicando que esta pesquisa representa apenas um ponto de partida para novas investigações. Dessa forma, o estudo evidencia o potencial do afroturismo como instrumento de valorização cultural, educação e fortalecimento de narrativas historicamente marginalizadas, reconhecendo a cidade como um espaço de aprendizagem e reflexão sobre as múltiplas camadas que compõem sua história.

Por fim, ressalta-se a importância da continuidade desta proposta mediante a teste experimental da rota com a participação do público, esse processo possibilitará a observação prática do percurso, a realização de ajustes no roteiro interpretativo e a verificação de aspectos relacionados à acessibilidade física e à dinâmica da experiência. Tal etapa contribuirá para o aprimoramento da iniciativa e sua consolidação como produto turístico-cultural alinhado às práticas contemporâneas de mediação urbana e valorização do protagonismo das mulheres negras.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma única história**. TEDGlobal, 2009. 1 vídeo (18 min). Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story. Acesso em: 15 dez. 2025.
- ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade**: a teoria da mudança social. Tradução de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Philadelphia: African American Images, 2009.
- BELO HORIZONTE. **Guia de Afroturismo BH**. Belo Horizonte: Belotur; Sensações Turismo; Guia Negro, 2025. 1 arquivo PDF.
- BRASIL. [Decreto nº 12.277, de 29 de novembro de 2024]. Institui o Programa Rotas Negras. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 232, p. 1, 30 nov. 2024.
- BRASIL. [Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008]. Altera a Lei nº 9.394/1996. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 11 mar. 2008.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Manual de Inventariação da Oferta Turística**. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-publicacoes/inventario-da-oferta-turistica>. Acesso em: 1 fev. 2026.
- BRAVO. **Carolina Maria de Jesus e Lélia Gonzalez ganham estátuas em Belo Horizonte**. 2021. Disponível em: <https://bravo.abril.com.br/literatura/carolina-maria-de-jesus-e-lelia-gonzalez-ganham-estatuas-em-belo-horizonte/>. Acesso em: 11 dez. 2025.
- COSTA, F. W. da S. *et al.* Geofísica Arqueológica no Centro de Belo Horizonte (MG). **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 38, n. 3, p. 30-50, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.24885/sab.v38i3.1275>. Acesso em: 12 dez. 2025.
- DIAS, Guilherme Soares. **Afroturismo**: afeto, afronta e futuro. Salvador: Katuka, 2023.
- ESCOBAR, Náthaly. Caminhada percorre manifestações artísticas com protagonismo negro em BH. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 14 out. 2024. Disponível em: <https://www.em.com.br/diversidade/2024/10/6971641-caminhada-percorre-manifestacoes-artisticas-com-protagonismo-negro-em-bh.html>. Acesso em: 14 dez. 2025.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- IBGE. **Censo 2022**: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos. Rio de Janeiro: Agência de Notícias IBGE, 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos>

[2-anos](#). Acesso em: 18 jan. 2026.

MAURÍCIO, Vitória Camillo da Silva. **Afroturismo e paisagem**: a caminhada Juiz de Fora negra. 2025. 125 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/19018>. Acesso em: 2 abr. 2026.

OLIVEIRA, N. A. **Turismo afrocentrado**: debates iniciais. Rio de Janeiro: Editora e-Publicar, 2020. Disponível em: <https://editorapublicar.com.br/novos-olhares-sobre-turismo-patrimonio-e-cultura>. Acesso em: 10 dez. 2025.

PEREIRA, Josemeire Alves. **Histórias familiares, trajetórias e experiências de liberdade de afrodescendentes em Belo Horizonte, MG**. Florianópolis: ANPUH, 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1437751675_ARQUIVO_ANPUH.pdf. Acesso em: 15 dez. 2025.

RATTS, Alex. Entre os corpos humanos e celestes: onde ela se sente bem? *In*: RATTS, Alex; GOMES, Bethânia (org.). **Todas (as) distâncias**: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2015. p. 119-134.

SILVA, Mauro Luiz da. **Largo do Rosário**: do arraial dos pretos à cidade dos brancos. Belo Horizonte: Agência de Iniciativas Cidadãs, 2024.

APÊNDICES 1

Apêndices das fichas do inventário seletivo de mulheres negras mineiras

Quadro 1: Maria do Arraial

Proposta de Adaptação (Inventário Seletivo)	Identificação: Personalidade Viés: simbólico Nome: Maria do Arraial
Identidade e Nome Social	Maria do Arraial: Popularmente conhecida como Maria Papuda, foi uma mulher negra, moradora do antigo Curral Del Rey, que resistiu ao processo de desocupação e demolição do arraial para a construção de Belo Horizonte. Sua residência localizava-se exatamente onde foi construído o Palácio da Liberdade.
Trajetória de Resistência	Atualmente Maria do Arraial é uma personalidade que remete a resistência pelo direito à moradia, e o debate acerca do apagamento e expulsão das pessoas negras para as periferias da cidade. Maria destaca-se por ter sido uma das pessoas que mais resistiram à violência de uma desocupação compulsória, realizada sem diálogo e indenização.
Descrição Simbólica e Imaterial	Priorizar o significado cultural, o patrimônio imaterial e a representatividade da personalidade para a memória de Belo Horizonte e a representatividade da comunidade negra.
Nível de Visibilidade Social	Maria do Arraial possui uma relevância central na história de Belo Horizonte como símbolo de resistência negra contra o processo de expulsão das pessoas negras para a periferia. A história de Maria evidencia o racismo estrutural da capital, manifestado tanto no apelido pejorativo e a sua redução como figura fantasma da cidade. Atualmente, é reconhecida pela população local como referência na resistência periférica e símbolo da luta atual por moradia.
Ciclos de Ancestralidade	O aniversário de Belo Horizonte, em 12 de dezembro, representa o momento oportuno para que os meios de comunicação e instituições educativas reinterpretem a história da construção da capital. Propõe-se a difusão de contra-narrativas pelo viés da população negra, pautando a memória de Maria do Arraial como marco de origem e resistência, em oposição à celebração exclusiva do planejamento urbanístico oficial.
Conectividade Afetiva e Rota	Além de ser um símbolo da Praça da Liberdade, sua presença se conecta de forma mais atual com a Ocupação em 2023 do Edifício do Senac em Minas, na Rua da Bahia, 1065, que recebeu o nome de Ocupação Maria do Arraial. De forma subjetiva é possível fazer um elo com a luta do passado que ainda se arrasta até a atualidade.

Quadro 2: Zaika Santos

Proposta de Adaptação (Inventário Seletivo)	Identificação: Personalidade Viés: simbólico Nome: Zaika Santos
Identidade e Nome Social	Zaika Santos, nasceu em Belo Horizonte em 1988. É multiartista, cientista de dados, arte educadora, produtora cultural e empreendedora.
Trajetória de Resistência	Seus trabalhos artísticos e de pesquisas estão voltados para as temáticas do afrofuturismo e da diáspora aplicadas no contexto da arte contemporânea. A corporeidade e a ancestralidade são eixos fundamentais em suas práticas, especialmente na vídeo performance “Meu nome é Maria e eu sou a história de Belo Horizonte”. Essa obra é de grande relevância na contra-narrativa da história da capital de Minas Gerais.
Descrição Simbólica e Imaterial	A artista Zaika, na vídeo performance, através da linguagem poética e tecnológica tensiona a história oficial da Maria do Arraial. Em sua performance, Maria deixa se ser uma figura folclórica, para ser apresentada como memória ancestral, detentora de tecnologias de construção arquitetônica e relação sagrada com a natureza. Zaika usa recursos metafóricos para problematizar a construção da cidade, do Palácio da Liberdade, e do pagamento do sobrenome de Maria dos arquivos da cidade. A obra é um convite crítico a questionar a quem serve o esquecimento e reafirma Maria do Arraial como uma ativista política pioneira da cidade.
Nível de Visibilidade Social	Zaika é uma referência em tecnologias, inteligência artificial e afroturismo e arte digital e movimentos especulativos negros.
Ciclos de Ancestralidade	Nasceu em Belo Horizonte e cresceu no aglomerado da Serra, com contato com a música através da mãe cantora, desde o hip hop, funk, soul e samba de terreiro.
Conectividade Afetiva e Rota	Zaika, se conecta com a temática da rota em várias temáticas da narrativa, desde ser uma mulher da periferia da Favela Serra, que ocupa a Praça da Liberdade em uma performance sobre a Maria do Arraial, sua atuação com arte educadora no CCBB BH, sua representatividade na música no hip hop e batalhas de MCs sua referências no soul lhe conecta com a batida do soul na Praça Sete e Parque Municipal.

Quadro 3: música Maria do Arraial

Proposta de Adaptação (Inventário Seletivo)	Identificação: Patrimônio Imaterial - forma de expressão Viés: social, identitário e político Nome: A música Maria do Arraial é considerada o hino da Ocupação Maria do Arraial na Rua da Bahia
Identidade e Nome Social	A Música é interpretada pela jovem Duda dos Anjos, em seu single faz uma homenagem a Ocupação Maria do Arraial, a letra revela o apagamento e expulsão das pessoas pretas da região centro sul de Belo Horizonte e a resistência dessas pessoas a esses modos de opressão.
Trajetória de Resistência	Representa a luta pelos direitos à moradia digna e crítica a forma como foi o planejamento urbano de construção de uma nova capital planejada apenas a população branca e rica dentro dos limites da Avenida do Contorno.
Descrição Simbólica e Imaterial	Lançada em 2023, a música surgiu como um instrumento de mobilização social. A interpretação da jovem de 14 anos Duda dos Anjos. Cuja letra diz sobre o apagamento de uma ancestral simboliza a continuidade da luta e como a pauta da moradia está também nos meios digitais. Ao se tornar o hino da Ocupação de mesmo nome, remete ao passado de como a música foi importante meio de comunicação artístico para além do entretenimento. Esse é um marco que a juventude também está na luta por moradia e tem consciência da importância das lutas e de que cabe outras narrativas na história de Belo Horizonte.
Nível de Visibilidade Social	A música em estilo da Música Popular Brasileira é uma forma de comunicação e neste caso com o objetivo de ser um protesto social sobre questões históricas sobre moradia em Belo Horizonte desde sua construção e ainda uma homenagem a Maria, que resistiu ao ser obrigada a desocupar a sua casa, seu terreno para a construção da nova capital, cujo sobrenome não aparece ter sido mencionada ao longo da história com apelido pejorativo.
Ciclos de Ancestralidade	O fato de em 2023, uma jovem com quatorze anos interpretar uma música, representa a continuidade da luta, cuja letra remete a história e figuras importantes na história de Belo Horizonte que recentemente estão sendo pesquisadas e contadas por outras narrativas, mostra que as juventudes estão conscientes do silenciamento, apagamento e expulsão das pessoas negras para as periferias da cidades, do racismo territorial.
Conectividade Afetiva e Rota	A música tem uma relação geográfica com a rota fazendo uma conectividade narrativa da Praça da Liberdade com a Rua da Bahia, além de conectar com a vídeo performance de Zaika Santos, que também faz uma referência a Maria do Arraial de forma justa desconstruindo os estereótipos fixados no imaginário popular de uma personagem que causava medo, para uma referência como guardiã da ocupação.

Quadro 4: Conceição Evaristo

Proposta de Adaptação (Inventário Seletivo)	Identificação: Personalidade Viés: Literatura e intelectualidade Nome: Conceição Evaristo
Identidade e Nome Social	Maria da Conceição Evaristo de Brito. Define-se como uma mulher-negra-escritora, termo que utiliza para marcar a indissociabilidade entre seu corpo, sua raça e sua produção intelectual.
Trajetória de Resistência	Migrou de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro na década de 70 para estudar. Conciliou o trabalho doméstico e o magistério com a escrita. Sua resistência reside na "escrita de nós", apropriando-se das "armas da casa grande" (a norma culta e a literatura) para subvertê-las.
Descrição Simbólica e Imaterial	Criadora do conceito de Escrivivência, que simboliza a escrita que nasce da vivência e da observação do cotidiano para narrar a subjetividade negra. Ela aborda em sua escrita a importância da palavra dita na produção da para escrita e o elo com a ancestralidade.
Nível de Visibilidade Social	Possui alto reconhecimento acadêmico, doutora em literatura social, servindo de ponte entre a academia e os movimentos sociais. Sua popularidade foi comprovada ao ter seu nome sugerido como candidata a uma das cadeiras da Academia Brasileira de Letras.
Ciclos de Ancestralidade	Referências da avó, mãe e tias tanto em suas entrevistas quanto em sua escrita. No poema "Vozes Mulheres" onde diz como cada a voz ecoou da bisavó, avó, da mãe, a sua voz, e na voz da filha.
Conectividade Afetiva e Rota	Dona Conceição atua como a matriarca intelectual que conecta as demais personalidades, ela abre portas para outras mulheres, por exemplo, Ana Maria Gonçalves. E ainda dialoga com Carolina de Jesus e Lélia Gonzalez. EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo Roda Viva 12/07/2021 . Entrevistadores: Vera Magalhães <i>et al.</i> São Paulo: TV Cultura, 12 jul. 2021. 1 vídeo (94 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Wnu2mUpHwAw . Acesso em: 16 fev. 2026.

Quadro 5: Ana Maria Gonçalves

Proposta de Adaptação (Inventário Seletivo)	Identificação: Personalidade Viés: simbólico Nome: Ana Maria Gonçalves
Identidade e Nome Social	Nascida em Ibiá, 1970
Trajetória de Resistência	Uma escritora, pesquisadora e intelectual. Autora de <i>Um Defeito de Cor</i> , obra considerada um marco da literatura contemporânea em língua portuguesa, traduzida em outros idiomas.
Descrição Simbólica e Imaterial	Ela utiliza a ficção para preencher as lacunas deixadas propositalmente pela historiografia oficial sobre a escravidão no Brasil. Sua trajetória culmina em um reconhecimento institucional histórico, pautando o protagonismo da mulher negra em espaços de poder literário e acadêmico como a Academia Brasileira de Letras, sendo a primeira mulher negra a ocupar uma cadeira.
Nível de Visibilidade Social	Foi homenageada no desfile da Portela de 2024.
Ciclos de Ancestralidade	A obra <i>Um Defeito de Cor</i> é fundamental para a análise dos fluxos da diáspora africana e a preservação da memória ancestral no Brasil. Por meio da trajetória da protagonista Kehinde, Ana Maria Gonçalves realiza uma reconstituição das continuidades históricas interrompidas pelo processo de escravização
Conectividade Afetiva e Rota	Ana Maria Gonçalves oferece o arcabouço histórico que fundamenta o percurso. Faz conexão com Maria do Arraial, com o Largo do Rosário, Isabel Casimira e Conceição Evaristo. GONÇALVES, Ana Maria. Ana Maria Gonçalves Roda Viva 14/06/2021 . Entrevistadores: Vera Magalhães <i>et al.</i> São Paulo: TV Cultura, 14 jun. 2021. 1 vídeo (96 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=52v0zI_UfH4 . Acesso em: 14

Quadro 6: Adélia Sampaio

Proposta de Adaptação (Inventário Seletivo)	Identificação: Personalidade Viés: simbólico Nome: Adélia Sampaio
Identidade e Nome Social	Adélia Sampaio, foi a primeira mulher a dirigir um longa-metragem no Brasil.
Trajatória de Resistência	Adélia Sampaio nasceu em Belo Horizonte e foi a primeira mulher negra a dirigir um filme no Brasil. Seu primeiro contato com o cinema foi aos 13 anos, quando foi ao cinema com sua irmã.
Descrição Simbólica e Imaterial	A cineasta simboliza a transição da "presença invisível" para a "autoridade criativa" da mulher negra no cinema brasileiro. Sua produção imaterial reside na criação de um cinema de denúncia, que utiliza a sensibilidade feminina para abordar o afeto antes do ato político ou sexual. Ela personifica a resistência contra o estigma da "porno-chanchada" (rótulo imposto pela censura da época para deslegitimar o conteúdo social de suas obras) e representa a capacidade de transformar a precariedade financeira em potência coletiva através do sistema de cooperativas cinematográficas.
Nível de Visibilidade Social	Historicamente invisibilizada pela historiografia oficial do cinema nacional, Adélia passou décadas sem o devido reconhecimento de seu pioneirismo. Sua trajetória foi resgatada recentemente por coletivos de mulheres negras e pesquisadoras (como Edileuza Penha de Souza). Atualmente, tem ganhado visibilidade também no meio acadêmico. Embora ainda enfrente o desafio da preservação de seu acervo físico, cujos negativos originais encontram-se em situação precária de conservação ou extraviados em arquivos institucionais.
Ciclos de Ancestralidade	Ela se autodefine como uma "mulher assumida" em todos os seus papéis (mãe, avó, negra e cineasta), servindo de referência para o cinema contemporâneo que busca humanizar corpos historicamente objetificados.
Conectividade Afetiva e Rota	A conexão de Adélia com a rota central de Belo Horizonte se dá pela memória da infância e pelo diálogo de suas obras com as urgências da cidade. O curta <i>Denúncia Vazia</i> conecta-se diretamente à luta pelo direito à moradia (tema central em Maria do Arraial), enquanto sua trajetória de Belo Horizonte ao Rio de Janeiro reflete o fluxo migratório em busca de espaços de fala, de estudo e de trabalho enfrentados por outras mulheres inventariadas. Na rota, ela representa a voz que narra as "Denúncias Vazias" sobre a temática da moradia. SAMPAIO, Adélia. Homenagem a Adélia Sampaio. [Entrevista concedida ao] Cineclube Quase Catálogo e ao Departamento de Cinema da UFF. Niterói: Unitevê - TV Universitária da UFF, 11 jul.

	2016. 1 vídeo (80 min). Disponível em: https://youtu.be/l-ioQvDOA3M. Acesso em: 15 fev. 2026. MULHERES Roteiristas: A Primeira Roteirista Negra do Brasil Adélia Sampaio. Produção: Trama - UEG. Goiás: Trama narrativas audiovisuais, 19 nov. 2021. 1 vídeo (8 min). Disponível em: https://youtu.be/JkM2WS0GHe4. Acesso em: 15 fev. 2026.
--	---

Quadro 7: Largo do Rosário

Proposta de Adaptação (Inventário Seletivo)	Identificação: Atrativo Viés: Lugar de memória e história Nome: Largo do Rosário
Identidade e Nome Social	Largo do Rosário
Trajetória de Resistência	O Largo abrigava a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o cemitério da irmandade. Foi alvo de um processo de apagamento deliberado pelo plano urbanístico da nova capital, que demoliu a igreja sob o pretexto de modernização, expulsando a comunidade negra para as periferias.
Descrição Simbólica e Imaterial	Representa a presença negra invisibilizada e apagada sendo o símbolo máximo da resistência imaterial. Embora a edificação tenha sido destruída, o território permanece sagrado na memória dos congadeiros e nas celebrações que ainda reivindicam esse espaço. Com as pesquisas do Padre Mauro, o projeto Negatricidade do Muquifu o espaço foi reconhecido como patrimônio imaterial na esfera municipal. No local foi instalado uma placa indicativa e explicativa, como ato de reparação histórica.
Nível de Visibilidade Social	Em processo de ascensão. Historicamente invisibilizado pela narrativa oficial de BH, o Largo ganhou nova visibilidade com a pesquisa do Padre Mauro Silva o registro definitivo como patrimônio imaterial. Atualmente, é um ponto central de reivindicação para movimentos negros e guardas de Congado, sendo tema de publicações.
Ciclos de Ancestralidade	Este ciclo ultimamente está renovado através das festividades e celebrações do Congado.
Conectividade Afetiva e Rota	Este é um ponto alto da rota que estabelece uma conexão com o Museu de Quilombos e Favelas Urbanos, que está fora dos limites da Avenida do Contorno, com o congado em especial com a Isabel Casimira.

Quadro 8: Isabel Casimira Gasparino

Proposta de Adaptação (Inventário Seletivo)	Identificação: Personalidade Viés: Religioso e cultural Nome: Isabel Casimira Gasparino
Identidade e Nome Social	Isabel Casimira Gasparino, nascida no bairro Concórdia, em Belo Horizonte, é a terceira Rainha Conga da Guarda de Moçambique, Treze de Maio e Rainha Conga de Minas Gerais.
Trajetória de Resistência	Cineasta, dirigiu o filme 'A Rainha Nzinga Chegou', obra que reflete sua história de fé e ancestralidade. Sua trajetória dialoga com a resistência das religiões de matriz africana e tensiona a centralidade masculina nas lideranças dos reinados e congados. Além disso, sua figura é intrínseca à história de Belo Horizonte, conectando-se à memória do antigo Largo do Rosário e à salvaguarda do patrimônio imaterial mineiro.
Descrição Simbólica e Imaterial	Como herdeira de um legado que atravessa três gerações, Isabel Casimira utiliza o suporte documental para salvaguardar e difundir os saberes do Rosário e do Congado. Sua atuação como cineasta e líder religiosa a consolida como guardiã de um patrimônio imaterial que sobrevive ao tempo e ao apagamento, garantindo a transmissão da memória ancestral mineira para as próximas gerações.
Nível de Visibilidade Social	A Rainha Isabel possui ampla legitimidade tanto nas comunidades de matriz africana quanto no âmbito das políticas públicas de patrimônio imaterial e celebrações religiosas. Sua visibilidade advém da salvaguarda de saberes ancestrais herdados de sua linhagem (avó e mãe), sendo uma figura central no reconhecimento do Congado como patrimônio mineiro. Extrapolando o campo religioso, é reconhecida no meio acadêmico e nas artes visuais, especialmente pelo seu trabalho no cinema. Sua autoridade é consolidada pelo título de Rainha Conga de Minas Gerais, o que a posiciona como uma liderança de referência em todo o território estadual.
Ciclos de Ancestralidade	As festividades acontecem do início do mês de maio até o dia 13 que é o dia principal das celebrações no bairro Concórdia.
Conectividade Afetiva e Rota	Inserir Isabel Casimira no percurso da Rua da Bahia reafirma que o legado do congado resistiu ao apagamento da Igreja do Rosário e cemitério e outras edificações na região do Largo do Rosário.

Quadro 9: Carolina Maria de Jesus

Proposta de Adaptação (Inventário Seletivo)	Identificação: Personalidade Viés: simbólico Nome: Carolina Maria de Jesus
Identidade e Nome Social	Carolina Maria de Jesus (1914–1977). Escritora, compositora e poeta brasileira. Nascida em Sacramento (MG), migrou para São Paulo, onde viveu grande parte da vida na favela do Canindé.
Trajetória de Resistência	Sua resistência é a escrita como ato de sobrevivência. Carolina transformou o papel que recolhia nas ruas de São Paulo em "território de liberdade". Ela resistiu à fome, ao isolamento social e ao mercado editorial que tentava tratá-la como um objeto exótico. Sua trajetória representa a luta pela autonomia da voz negra; ela não apenas narra a miséria, mas teoriza sobre a estrutura política e social do Brasil dentro da sua escrita.
Descrição Simbólica e Imaterial	Ficou mundialmente reconhecida pela sua obra Quarto de despejo: diário de uma favelada.
Nível de Visibilidade Social	Em Belo Horizonte tem ganhado visibilidade com a instalação da escultura. Outros movimentos em redes sociais que indicam sua obra ainda atual. O documentário sobre sua vida e obra que será lançado é um convite para ler Carolina.
Ciclos de Ancestralidade	Ela estabelece um ciclo de continuidade com Lélia Gonzalez e Conceição Evaristo, formando a trilogia de mulheres negras que, em diferentes tempos, utilizaram a palavra como arma de emancipação.
Conectividade Afetiva e Rota	Diálogo com Anita Gomes, Lélia Gonzalez e Conceição Evaristo. ANDRÉ, Tiago. Quarto de Despejo. História Preta . Rio de Janeiro, 12 mar. 2019. Podcast. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/3mFvX4fInq07r9lHk68T4z . Acesso em: 11 mar. 2026.

Quadro 10: Lélia Gonzalez

Proposta de Adaptação (Inventário Seletivo)	Identificação: Personalidade Viés: Historiográfico, Político e Identitário Nome: Lélia Gonzalez
Identidade e Nome Social	Intelectual, antropóloga, filósofa e professora. Nascida em Belo Horizonte, importante ativista do feminismo negro.
Trajetória de Resistência	Sua resistência manifesta-se no campo do conhecimento e da linguagem. Lélia rompeu com a academia tradicional ao formular o conceito de "Amefricanidade" e denunciar o mito da democracia racial no Brasil. Sua trajetória é marcada pela denúncia da tripla opressão sofrida pela mulher negra (raça, classe e gênero).
Descrição Simbólica e Imaterial	Lélia é símbolo da Americanidade , a identidade transnacional que conecta o Brasil à diáspora africana nas Américas. Sua fala "pretoguesa" o português africanizado pelo Brasil é um patrimônio de resistência linguística que valoriza a influência negra na cultura brasileira.
Nível de Visibilidade Social	Atualmente em processo de canonização intelectual . Historicamente silenciada por décadas pela academia branca, a obra de Lélia Gonzalez vive hoje um resgate massivo, sendo referência fundamental para o movimento de mulheres negras e para os estudos pós-coloniais. Em Belo Horizonte, sua figura tem sido resgatada e rotas de afroturismo que buscam marcar sua origem mineira e visita a escultura no Parque Municipal.
Ciclos de Ancestralidade	Lélia deixa um legado no movimento negro feminino. e no movimento negro e sua participação nas reivindicações do tombamento da Quilombo dos Palmares Serra da Barriga.
Conectividade Afetiva e Rota	Ela dá o embasamento teórico para que possamos entender por que as outras mulheres da rota foram invisibilizadas. ANDRÉ, Tiago. Lélia. História Preta . Rio de Janeiro: Podcast História Preta, 11 jun. 2020. Podcast. Disponível em: https://www.historiapreta.com.br Acesso em: 10 jan. 2026.

Quadro 11: Escultura a Luz das Ruas

Proposta de Adaptação (Inventário Seletivo)	Identificação: Personalidade Viés: Simbólico e político Nome: Escultura a Luz das Ruas
Identidade e Nome Social	Homenagem a Anita Santos, uma ativista que viveu cerca de 30 anos na rua.
Trajetória de Resistência	Anita Gomes dos Santos. Ativista e liderança histórica, foi uma das fundadoras do Movimento Nacional de População em Situação de Rua (MNPR). Sua trajetória é indissociável da luta por políticas públicas e dignidade para as pessoas que habitam os espaços públicos de Belo Horizonte.
Descrição Simbólica e Imaterial	A escultura "A Luz das Ruas", instalada no Parque Municipal pelo Programa Caminhos (iniciativa do CeMAIS em parceria com o Poder Público e o Judiciário), simboliza a ocupação dos espaços institucionais pela narrativa popular. Imaterialmente, Anita personifica a resiliência e a força das lideranças negras que, mesmo em condições de extrema vulnerabilidade, organizam a coletividade para a conquista de direitos fundamentais.
Nível de Visibilidade Social	A presença de órgãos como o Ministério Público e o Tribunal de Justiça no projeto de instalação reforça a importância de Anita como uma personalidade de relevância jurídica e social para Belo Horizonte.
Ciclos de Ancestralidade	Deu continuidade e lutou pelo direito à moradia.
Conectividade Afetiva e Rota	Conecta principalmente com Maria do Arraial e as Ocupações. Anita personifica a continuidade da luta pelo direito ao território, iniciada por figuras como Maria do Arraial na fundação da cidade. Ela conecta a "Belo Horizonte que foi desapropriada" à "Belo Horizonte que hoje ocupa", trazendo para a Rua da Bahia a discussão sobre quem tem direito a morar e circular no centro. CEMAIS - Centro Mineiro de Alianças Intersetoriais. Anita Gomes dos Santos: A Luz das Ruas. Belo Horizonte: CeMAIS. Disponível em: https://cemaais.org.br/anita-gomes-dos-santos. Acesso em: 11 mar. 2026.

Quadro 12: Kelma Zenaide

Proposta de Adaptação (Inventário Seletivo)	Identificação: Personalidade / Atrativo gastronômico Viés: simbólico, cultural, gastronômico Nome: Kelma Zenaide
Identidade e Nome Social	Kelma Zenaide. Cozinheira, investigadora da culinária afro-brasileira e proprietária do Kitutu Gastronomia Quilombola. Formada em Letras com especialização em Literatura Africana e Afro-brasileira, utiliza a sua formação acadêmica para fundamentar a sua prática na cozinha
Trajetória de Resistência	A sua resistência manifesta-se na "Culinária da Liberdade". Kelma afirma que a sua cozinha não segue regras rígidas, mas sim a intuição e o sentimento do momento. Ela rompe com a hierarquia europeia que tenta inferiorizar a gastronomia afro-brasileira, provando que os saberes de "fundo de quintal" possuem tanta técnica e valor quanto a cozinha clássica. A sua trajetória é marcada pela superação do racismo estrutural no sistema educativo e no mercado de trabalho, transformando o "balcão de boteco" num trono de saber. Descrição Simbólica e Imaterial Representa a "Cozinha como Alimento da Alma". Para Kelma, cozinhar é um processo terapêutico e de transformação, onde o ato de alimentar vai além do biológico para nutrir a alma e o corpo político. Ela simboliza a figura da "cozinheira-intelectual", que utiliza o prato para contar a história que os livros oficiais omitiram
Descrição Simbólica e Imaterial	Kelma, tem se destacado por ser uma referência de mulher negra na gastronomia afrobrasileira e afetiva.
Nível de Visibilidade Social	Possui visibilidade crescente como referência no afroempreendedorismo e na gastronomia de Belo Horizonte. E por sua prática de aquilombamento.
Ciclos de Ancestralidade	A prática gastronômica de Kelma Zenaide constitui-se como uma salvaguarda do patrimônio imaterial e uma homenagem ativa à sua linhagem. Descendente do Quilombo de Pinhões, a cozinheira estabelece uma continuidade histórica entre o território quilombola e o espaço urbano. Na entrevista analisada, Zenaide enfatiza a reprodução técnica de iguarias como o "coração de boi recheado", fundamentada na observação empírica dos rituais culinários de seu avô, iniciada ainda na primeira infância. Ao transpor esse saber para o cenário contemporâneo, ela preserva os ciclos de cuidado e o rigor ético-afetivo herdados de seus ascendentes, articulando o DNA empreendedor materno como ferramenta de manutenção e circulação das tradições quilombolas na capital mineira.
Conectividade Afetiva e Rota	Tanto a Kelma quanto o restaurante Território Kitutu de Aquilombamento, se conectam com a rota.

	DNA GASTRONÔMICO - Comida, ancestralidade e empreendedorismo. Entrevistadas: Kelma Zenaide, Luciana Ganda, Lidi Araújo. Entrevistadora: Karen Suzane. Belo Horizonte: Canal Africas, 1 nov. 2020. 1 vídeo (72 min). Disponível em: https://www.youtube.com/live/mV5m06qsg8g. Acesso em: 10 fev. 2026.
--	---